

Padre Fernando Gross¹

O “Jardim”, o “deserto” e a “Palavra”.

Podemos dizer que, de acordo com o relato da Bíblia, no princípio Deus era o “jardineiro”: a obra de seis dias, narrada no início do Gênesis, é aquela da criação de um **jardim** (em hebraico “gan” e em grego e latim “paraíso”), onde tudo é belo (“tov”, que em hebraico significa bom e belo) e onde cada coisa é, ao mesmo tempo, unida às outras e distinta delas, em uma harmonia estupenda. No ponto mais alto dessa criação se encontra o guarda deste jardim: o homem. O pecado, porém, transforma este jardim em **deserto** (em hebraico: “midbar”), em solo árido, que o Adão decaído deverá cultivar com o suor de seu rosto. Eis o motivo pelo qual a expectativa suscitada pela promessa divina se relaciona com o tempo no qual o deserto florirá e a terra voltará a ser o jardim de Deus: “Enfim, será derramado em nós um Espírito do alto; então o deserto se tornará um jardim de Deus” (Is 32,15). Naquele dia nascerá um broto e este será o Messias (cf. Is 11,1). A potência, a força de transformar o deserto em jardim está na **Palavra** (em hebraico: “dabar”). Esta Palavra transformará o deserto e reformará a vida. O jogo de palavras entre “midbar-dabar” – amado pela tradição dos rabinos de Israel – expressa essa luta dramática que está no centro da esperança de Israel e, portanto, também da esperança da Igreja, da qual Israel é a “raiz santa” (Rm 11,16.18): somente a Palavra de Deus vivo poderá fazer da terra tornada árida pelo pecado o então jardim das novas delícias, cantadas no Cântico dos Cânticos.² A Bíblia pode realmente vivificar o deserto do mundo e o deserto do nosso coração! Boa leitura e prática da Palavra de Deus!

¹ Padre da Diocese de Santos e aluno do Centro Cristão de Estudos Judaicos.

² Dom Bruno FORTE. *Seguindo a Ti, Luz da Vida*, Ed. Vozes